

# O historiador, a memória e o arquivo: vestígios de práticas científicas pelo Brasil e EUA

*The historian, the memory and the archive: traces  
of scientific practices throughout Brazil and USA*

Heráclio Tavares\*

Doutor em História das  
Ciências, Técnicas e  
Epistemologia

Universidade de São Paulo  
heraclio.tavares@gmail.com

Recebido em: 21/05/20

Aceito em: 03/06/20

## Refletir sobre lembranças

O passado se apresenta como uma imensa escuridão, cuja intensidade diminui quando pequenos focos de luz cintilam e iluminam uma área bem delimitada. Este foco luz, estritamente situado e sem forças para promover o alvorecer, surge quando o historiador localiza, coleta e analisa o conjunto de vestígios que serve de guia para adentrar a escuridão. Por mais fundamentais que os atos para acessar a memória, necessários para se fazer história, sejam, é incomum historiadores pensarem sistematicamente sobre eles. Considerando as múltiplas formas de acesso ao passado, uma questão se impõe: se os vestígios são fundamentais para a história, onde e como encontrá-los? Os lugares de guarda de memória variam de acordo com a natureza do que o pesquisador procura e a necessidade de consulta surge do avanço da investigação.

Preparar as entradas nos arquivos é um exercício de teste de hipóteses, no qual pensamos possíveis ligações entre as informações disponíveis no momento da pesquisa. Também é preciso que o historiador tenha presença de espírito para selecionar locais de guarda de memória que possivelmente mantêm vestígios sobre a dimensão do passado que ele quer compreender. Você sabe as datas limites do que imagina encontrar, sabe os nomes dos fundos e coleções batizados pelos arquivistas, mas você nunca saberá de antemão se a informação que procura está, de fato, nos maços, nas caixas, nas latas e pastas de documentos ou, até mesmo, se ela existe. Tudo o que você tem é uma ligeira desconfiança de que o conjunto de provas que corrobora sua hipótese estará no seu próximo pedido de documentos. Na maioria das vezes, ele não está.

Eventualmente encontramos o inesperado relevante e experimentamos a sensação de “descoberta”, que pode nos levar a abandonar hipóteses, a construir outros problemas e a formular

\* O autor agradece à FAPESP pela bolsa de pós-doc concedida número 2018/05959-8, e à CAPES pelo financiamento para a realização do período de doutorado sanduíche nos EUA, número 99999006960-2015-04, que possibilitou a ocorrência dos fatos sobre os quais reflito neste ensaio.

novos caminhos de trabalho. Persistência e esperança são atributos que devemos cultivar desde o princípio no nosso esforço para acessar memórias dos fragmentos do passado que estudamos. É recomendável nutrirmos constante desapego de nossas formulações; tanto das que não possuímos elementos documentais (desapego forte), como daquelas cujos elementos documentais são tão evidentes que dificilmente será questionada (desapego fraco). O que justifica este princípio é o fato de que novos vestígios podem vir à luz a qualquer momento, possibilitando inferências distintas das que antes eram consenso. Em essência, a produção do novo em história se dá por acesso a parte do passado não estudado, utilizando-se documentos inéditos, ou através de uma revisitação a documentos já utilizados, explorando informações antes ignoradas ou relacionando-as de uma maneira diferente das usadas em trabalhos anteriores.

Aos olhos de quem não é do ramo, o trabalho de campo do historiador parece ser trivial. Basta passar alguns dias nos arquivos e de lá sair com provas que permitam afirmar que um fato histórico ocorreu da forma como estes vestígios indicam. Pudera, para o senso comum, memória e história são a mesma coisa. Na prática, não é bem assim. Conforme iniciamos a hermenêutica dos indícios que trazemos de nossa coleta, algumas respostas surgem, mas a perguntas que você não elaborara. Respostas e perguntas vão sendo moduladas em conjunto, de acordo com o que é possível dizer a partir do que o historiador tem em mãos sobre uma ínfima parte do passado. E assim, em um movimento metonímico, aquele resíduo de experiência que atravessou anos, décadas e às vezes séculos nos chega e, em conjunto com outras evidências, nos guia pelos caminhos do tempo, permitindo que inquietações do presente estimulem questionamentos sobre o passado com o intuito de alcançarmos uma melhor compreensão de como chegamos até aqui; ajudando-nos a pensar em como alcançar o futuro que hoje almejamos.

História é narrativa, descrição, análise, exegese, cotejamento, discurso e arte sobre o que lembramos. A memória mediada pela história oferece à sociedade a possibilidade de autoconhecimento e de construção de identidades coletivas, daí resultando sua função social. Manipular estas formas de ação e expressão, seguindo protocolos teóricos e metodológicos, para persuadir o interlocutor de que nossas interpretações do passado, além de uma base factual, possuem um sentido aceitável é a tarefa do historiador.

## Uma iniciação

Minha trajetória como historiador das ciências é profundamente marcada por arquivos, desde o início de minha graduação, quando fui bolsista de iniciação científica. Era evidente para mim, já nesta época, que o conhecimento de vanguarda na história é feito com vestígios primários, aqueles que foram produzidos imersos nas circunstâncias que estudamos. Os documentos mais valiosos são aqueles que, para além de um conteúdo não imaginado (por não estarem no nosso campo de possíveis), não foram anteriormente utilizados por nossos pares. Quanto mais difícil recuperá-los dos cantões desconhecidos dos lugares de guarda de memória, mais excitantes e ricas de ensinamentos são as histórias que suas buscas permitem criar. Eles iluminam as fendas do tempo e nos permitem caminhar pelos recônditos de nossa sociedade. Fontes primárias desconhecidas nos permitem lembrar o que até então era impossível.

Passei inúmeras tardes cariocas ensolaradas na Biblioteca Nacional (BN). As janelas do prédio atual ainda conservavam detalhes da época de sua construção, em 1906, e me ofereciam a vista da imponência do Teatro Municipal do outro lado da *Boulevard* Rio Branco, configurando uma paisagem que me remetia aos primeiros anos do Brasil República, mas sob o sol de 2006 (ver Figura 01). As janelas do tempo me levavam a 1947, precisamente aos meses que sucederam e antecederam o eclipse total do Sol de março daquele ano, visível no Brasil. Esta era uma pesquisa de um projeto que fiz parte no Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), cujo objetivo era estudar a cobertura jornalística brasileira das observações científicas de eclipses no século XX. Eu precisava encontrar e transcrever todas as matérias publicadas sobre as observações do fenômeno de 1947. Coleta de dados pesada, típica de bolsista de iniciação.

Usava microfimes, pois a BN não liberava acesso à maioria dos originais. Deste modo, percebi que há de se desenvolver uma sincronia entre o domínio do equipamento para controlar a exibição das imagens

na tela e a velocidade que meus olhos vasculhavam as páginas dos jornais. Desenvolvi um modo de leitura dinâmico. Buscava palavras-chaves nos pequenos subtítulos das matérias e seguia a diagramação de colunas longas e estreitas dos periódicos da época. A informação estava disponível. Eu só precisava encontrá-la. Ainda retenho outras recordações práticas deste período.

Como hoje, os choques geracionais propiciados pelas novas tecnologias eram evidentes. Na sala de leitura, raramente se via uma câmera digital ou um computador portátil. Em geral, transcreviam-se os documentos à mão. Fiz muito isso. O estado da arte na tecnologia do fazer historiográfico era a realização da transcrição diretamente em um *lap top*. Usei as duas formas. Transitei entre o digital e o analógico na pesquisa em arquivos. Cada forma de coletar as informações que iam alimentar minhas ideias permitia estabelecer uma relação específica com o passado, que exibia o que restou de sua potência quando eu, eventualmente, solicitava um periódico não microfilmado. A textura das páginas, o cheiro do tempo acumulado no papel, o ato de folhear o jornal. Memórias sensoriais que ajudam a criar uma ideia sobre o que ocorreu, a pensar a manufatura da narrativa e em como conduzir a expressão do que pensamos, seja textualmente, seja através de outra forma de discurso.

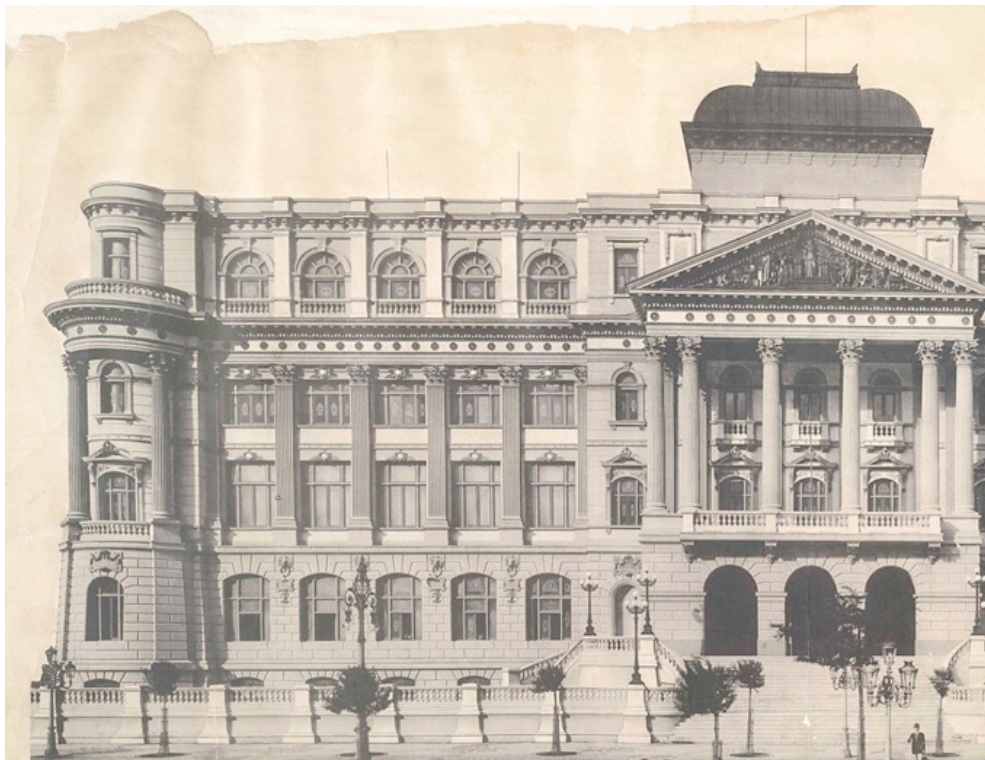


Figura 01: Fachada da BN. Reprodução fotomecânica, Marc Ferrez. 1906. Disponível em <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon244976/icon244976.jpg](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon244976/icon244976.jpg)> acessado em 23 de maio de 2020.

Eu sempre espiava nestes periódicos os filmes em cartaz nos cinemas da Cinelândia, situada na frente da BN (ver Figura 02). Eles estimulavam a criação de uma narrativa visual do que eu pesquisava. Antes de convencer os pares, eu tinha que convencer a mim mesmo que havia coerência no que eu pensava. Todos estes elementos contribuem para criar uma **experiência de acesso ao passado**, que, inevitavelmente, aparecerá de forma inconsciente (nos atos de linguagem, nas escolhas conceituais etc.) nas análises historiográficas que eles gerarem. Quando solicitava a digitalização de documentos à BN, que não era um serviço barato, transpunha para a tela do meu computador os rastros históricos. Sem dúvida alguma, é melhor analisar imagens dos documentos originais do que as transcrições de seus conteúdos em arquivos de Word. Historiadores desenvolvem afeto pela materialidade do passado, mostrando a força que o contato direto com o documento primário possui no nosso trabalho.



Figura 2: Anúncio de exibição de filme sobre o eclipse do Sol de Bocaiúva. *O Jornal*, 24 de maio de 1947.

Ainda nesta época, pensei ser relevante ter dados sobre tiragem, informações do corpo editorial etc. dos periódicos que consultava. Uma investida no arquivo da Academia Brasileira de Imprensa (ABI) me ajudaria, pensei. Este campo foi particularmente interessante. Na ABI, não havia inventário. A informação era recuperada através de pequenas fichas, acomodadas em gavetas de correr de metal. Muitas. Como as que abrigavam os cartões de localização de maços de documentos não organizados do Observatório Nacional (ON), no antigo acervo de História das Ciências do Mast. A diferença era que os móveis do ON eram de madeira nobre, resistentes ao tempo e suficientemente impressionantes para marcar a memória de um estudante de graduação.

Curiosamente, retive mais lembranças sobre a experiência de busca por estas informações do que sobre o conteúdo que pesquisava. Isso revela que

nossos mecanismos de memorização relacionam os conteúdos do que vemos, também, às circunstâncias que os acessamos. Se aprendi algo na minha formação em história, certamente, foi acerca da plasticidade da memória, como a constituímos e que há vários mecanismos para reter informações como quanto para acessá-las. Em 2006, eu não tinha ideia que o percurso de pesquisa que eu estava construindo ia me levar para fora do Brasil, seguindo a trilha da expedição científica dos EUA que veio observar o eclipse de 1947, e tinha uma noção ainda menor que a experiência prática que eu estava desenvolvendo poderia, um dia, ser sistematizada.

## Arquivos em perspectiva transnacional

Era um projeto de pesquisa cujo trabalho de campo era meu plano B, por mais promissor que parecesse. A decisão para executá-lo partiu de uma dificuldade de acesso a documentos nos arquivos da Força Aérea Brasileira (FAB). Eu estava no mestrado e o ano era 2010. Persisti na investigação das observações científicas do eclipse de 1947, pois percebi que havia algo extraordinário nos fatos, não alcançado pela historiografia sobre o tema.

A maior expedição científica que veio ao Brasil foi a dos EUA, que se instalou em Bocaiuva, norte de Minas Gerais. Eram toneladas de instrumentos e quase cem pessoas compondo a equipe, entre civis e militares. Um nome me chamava atenção: Lyman Briggs, que era o chefe científico da missão. Briggs era físico e diretor do *National Bureau of Standards* (NBS). De sua trajetória, retive a informação que ele foi o físico responsável pelo comitê que aconselhou Franklin Delano Roosevelt a autorizar o início do Projeto Manhattan. Continuei a tocar a pesquisa nos arquivos pelo Brasil, mas sem ter hipóteses muito bem formuladas com a documentação que eu tinha em mãos até aquele momento. Apesar de as observações terem ocorrido no nosso território, os fragmentos de memória que por aqui existem são os que eu havia acessado na graduação. Em resumo: notícias em periódicos e alguns documentos do ON que revelavam o apoio local aos cientistas visitantes com o fornecimento de dados geográficos, meteorológicos etc. das cidades atravessadas pela faixa de totalidade do eclipse.

A FAB ofereceu apoio logístico para o transporte de alguns itens e liberou a construção de uma pista de pouso em uma região erma de Bocaiuva, para que os estadunidenses, alegadamente, trouxessem seus pesados, frágeis e valiosos instrumentos científicos de avião. Como, àquela época, eu queria compreender a relação entre os militares brasileiros e os estadunidenses sendo atravessada pela ciência, segui os protocolos para ter autorização da FAB para acessar os documentos relacionados a este episódio. Cheguei a consultar

os livros de registro de alterações do grupo de aviadores que deu apoio à expedição estadunidense, mas ele não continha informações sobre estes fatos. O que eu imaginava ser interessante eram os documentos sobre a construção da pista de pouso. Esta construção tinha que ser autorizada e acompanhada pela FAB, de acordo com a legislação da época. Entretanto, o major responsável pela Diretoria de Engenharia da Aeronáutica, órgão em que estes documentos estão depositados, não me permitiu consultá-los, argumentando que não havia registros sobre o episódio. A memória que não pode ser acessada perde seu sentido para a história e para a própria sociedade. Ela se torna um segredo, neste caso, guardado por agentes públicos que imaginam serem donos da lembrança coletiva. Com o tempo, esta memória pode ser esquecida, quiçá destruída. Os agentes que decidem ilegalmente o que será ou não acessado pelos cidadãos são responsáveis por recalques sociais, legando à sociedade uma incompreensão sobre si própria.

Em uma perspectiva transnacional, a sensibilidade do documento pode restringir seu acesso a historiadores de determinadas nacionalidades. Tive sorte neste aspecto, pois devido a um problema para acessar a memória em meu país, recorri à de outro, nos pontos em que nossas lembranças se tocam. Meses antes da oficialização da recusa da Diretoria de Engenharia da Aeronáutica, eu seguia o rastro da expedição estadunidense em seu próprio território, tentando acessar os fatos de um passado compartilhado conosco através de outros itinerários de busca. No site do *National Archives Records and Administration* (NARA) tentei diferentes entradas de pesquisa. Uma delas me ofereceu como resultado uma pasta, cujo título está na Figura 03.

A primeira coisa que me ocorreu foi: qual estudo pode ser feito em uma observação de eclipses do Sol que justificaria um projeto secreto? Astrônomos do ON não souberam responder. Revelei a existência desta pasta, e de uma vasta documentação relacionado ao meu objeto de pesquisa no NARA, à minha banca de qualificação, que tentou me demover da ideia de viajar para os EUA no mestrado, argumentando que eu realizasse este trabalho de campo em um doutorado através de uma bolsa sanduíche. Na melhor das hipóteses, isso ia ocorrer três anos após a situação aqui descrita. Sorte que eu tinha um orientador que discordou da sugestão da banca e, praticamente, me colocou dentro do avião. Eu possuía os recursos para viajar e tinha um extenso plano de pesquisa. Ter a oportunidade de começar meu percurso transnacional por um dos maiores arquivos do mundo foi um privilégio.

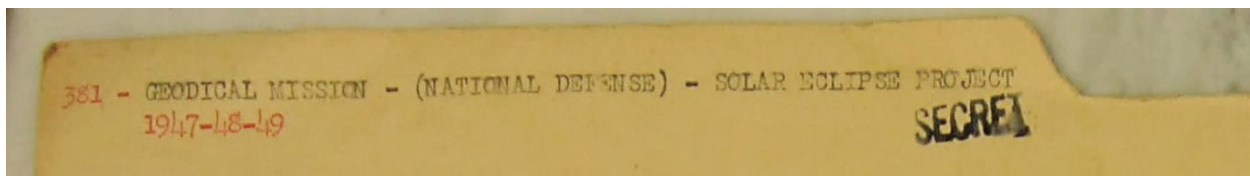


Figura 03: Record Group 342, Entry P26, Correspondence files, Box 3696, Folder 361, Geodical Mission (National Defense), Solar Eclipse Expedition. NARA, College Park, MD, USA.

Este foi meu primeiro trabalho de campo fora do Brasil. O ano era 2011. A pasta da Figura 03 foi a primeira que solicitei ao chegar no NARA de College Park, no Estado de Maryland. Meu passaporte não me causou problemas para acessá-la, como eu havia certificado com os arquivistas antes de viajar. O *secret* era porque a Força Aérea dos EUA, em conjunto com seus Departamentos de Defesa e Estado, espionou (literalmente) um estudo que uma expedição finlandesa fez na ocorrência do eclipse de 1947, cujo objetivo era medir distâncias intercontinentais. Com medidas precisas de tempo de início do fenômeno em bases no Brasil e no continente africano, os finlandeses usaram a velocidade da sombra da lua projetada na superfície terrestre para mensurar as distâncias que as separam. Esta técnica oferecia dados com precisão superior aos provenientes da técnica de triangulação, e seus resultados iam alimentar o sistema de geolocalização de mísseis intercontinentais, desenvolvidos àquela época pelo Governo dos EUA. Um achado e tanto para um estudante de mestrado. Esta foi a primeira pasta pesquisada e o trabalho só estava começando.

Eu abri e fechei o NARA cinco dias por semana por cerca de um mês e meio. Mapeei toda a comunicação entre o NBS e outros órgãos estadunidenses bem como com instituições brasileiras. As entradas que usei eram, principalmente, os nomes dos cientistas envolvidos, as instituições nas quais eles trabalhavam, os

instrumentos usados, os fenômenos observados etc. Para começar minha incursão, apliquei um corte temporal que julguei razoável, um ano antes e um depois da data do evento (podendo alargá-lo caso encontrasse algum indício que justificasse tal ação). Expandi retroativamente o corte temporal quando percebi que os estadunidenses padronizaram a organização destas expedições desde o início dos anos 1930.

O espírito desbravador encrustado na cultura dos EUA era evidente através dos documentos, reforçado pelo patrocínio que a *National Geographic Society* ofereceu a estas missões científicas, que levava para dentro das casas dos estadunidenses as glórias alcançadas por seus expedicionários. Cadernos de viagens, mapas, contatos locais, rigorosos relatórios de gastos, além de fotografias; muitas. Encontrei desde documentos de preparação da expedição aos rascunhos de publicação de artigos com dados coletados no Brasil. O detalhe é que o próprio objeto que eu estudava possuía percursos transnacionais. Compreendi que no estudo de objetos com esta característica, o historiador precisa refazer os caminhos trilhados por eles em busca dos vestígios que deixaram espalhados pelo mundo, tornando-se, também, um expedicionário.

Pela primeira vez dividi espaço de investigação com pessoas de diferentes partes do mundo. Japoneses, alemães, mexicanos e italianos comunicavam-se em *broken English* ou por gestos, quando a fala não funcionava. Apesar de o NARA ser um arquivo cujo foco é o passado dos EUA, devemos considerar sua relevância histórica internacional ao longo de boa parte do século XX, o que atrai historiadores de todo mundo. Neste sentido, o profissionalismo e paciência dos arquivistas com o público internacional me impressionavam. Eles me sugeriram catálogos que não estavam on-line e possuíam pastas relacionadas de alguma forma ao meu estudo, mas que eu não havia mapeado para o meu plano de pesquisa. No NARA, o tratamento era extremamente eficiente. Sem sombra de dúvidas, um ótimo local para eu me iniciar em arquivos fora do Brasil.

## Maturidade transnacional

Comecei meu doutorado em história das ciências junto com uma graduação em física. Com esta, a ideia era adquirir treinamento formal para compreender alguns dos vestígios históricos com os quais eu lidava ou ia ter que lidar. Tive que adiar a conjugação de formações e foquei somente no doutorado, cuja pesquisa passava por reformulações. O motivo era simples. Meu objeto de estudo àquela época não possuía o registro de memórias suficientes (nem acesso a elas) para me permitir uma entrada no passado com a envergadura heurística que julgava adequada. Consegui alterá-lo quando realizava meu período sanduíche nos EUA. Um dos sujeitos históricos que surgia nas minhas fontes primárias, desde a graduação, animava-me o tino de historiador por possibilitar alargar a busca pelos vestígios de sua trajetória.

César Lattes alcançou resultados expressivos na física nuclear e de partículas em 1947 e 1948. Ele passou pelas Universidades de Bristol, na Inglaterra, de Berkeley, de Minnesota e de Chicago nos EUA, entre 1946 e 1957, caracterizando uma trajetória transnacional que deve ser seguida por quem quer compreender seu trabalho historicamente. No âmbito brasileiro, ele atuou mobilizando setores sociais para a criação do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF).

Eu morava em Saint Louis, Missouri, a poucas horas de avião de Berkeley e a uma distância de Chicago fácil de ser superada de ônibus. Eu não entendia como que os documentos das passagens de Lattes por estas instituições estiveram disponíveis por tantos anos sem que algum historiador da ciência brasileiro se prontificasse a recuperá-los.<sup>1</sup> Isso porque não estou falando de um físico mediano. Falo do físico que teve fundamental participação para o surgimento da física experimental de partículas, com várias indicações ao Prêmio Nobel. E olhe que há um número razoável de artigos, trabalhos de pós-graduação e livros de caráter histórico publicados sobre os feitos de Lattes, com abordagem diferentes e igualmente legítimas, obviamente. Entretanto, havia uma repetição de afirmações sobre seus resultados publicados, sem que houvesse uma larga busca sistemática por seu desenvolvimento histórico.

1 Este ano, tive oportunidade de ir a Bristol para trazer documentos sobre os trabalhos de Lattes no *H. H. Wills Laboratory*.

Acredito que isso se deve, em parte, à forma de se fazer história das ciências que a geração anterior à minha praticava, orientada, em certa medida, pela história das instituições e por abordagens que relacionavam práticas científicas ao termo genérico “social”, priorizando este àquelas. Até penso que os pesquisadores que estudaram a trajetória de César Lattes tenham se interessado por seus vestígios nos EUA, mas, por motivos particulares, não puderam viajar para consultá-los. Sobre isso, não sei se foi a disponibilidade para acessar estes documentos que me levou a buscá-los e estudá-los ou se foi a vontade de estudá-los que me levou a pensar no processo de construção de conhecimento que Lattes operou. Nunca saberei, na realidade.

Os documentos depositados na Universidade de Chicago diziam respeito à compra do acelerador de partículas pelo CNPq em 1951, que resultou no pedido de demissão do almirante Álvaro Alberto da presidência desta instituição, e no esgotamento emocional de Lattes. Não vale a pena detalhar aqui o fracasso deste projeto. Meu interesse no arquivo da Universidade de Chicago era também porque Lattes ficou os anos de 1955 e 1956 vinculado ao *Institute of Nuclear Studies Enrico Fermi*. Fiquei apenas uma semana em Chicago. Tempo suficiente para encontrar documentos que os cientistas estadunidenses deixaram, revelando que eles não foram, digamos, totalmente honestos na negociação com o Governo brasileiro. Da situação de campo em Chicago, aprendi que se o arquivo está a uma distância facilmente superável, não há motivo para o historiador não visitá-lo, mesmo se o que ele imagina encontrar der subsídios para poucas inferências ou se os dados achados reforçarem aspectos secundários de sua narrativa.

Depois de Chicago, chegou a vez do oeste dos EUA. Como em outras oportunidades, a primeira ação foi estudar minuciosamente os inventários dos chefes de laboratório e dos grupos de pesquisa que Lattes fez parte e estavam disponíveis on-line. Este é um dos momentos mais importantes na preparação do campo, pois aqui é que o historiador deve equilibrar o tempo que pretende passar nos arquivos em consonância com o material que deseja consultar. No arquivo da *Bancroft Library*, da Universidade de Berkeley, existia uma pasta com o nome de César Lattes na coleção de Ernest Lawrence, chefe do *Radiation Laboratory*, da mesma Universidade. O *Rad. Lab.* tinha acesso controlado pela *United States Atomic Energy Commission* devido aos trabalhos sigilosos desenvolvidos em suas dependências ao longo da Segunda Guerra. Para ter permissão para trabalhar neste laboratório, contatos diplomáticos eram necessários. Assim, eu poderia encontrar, imaginei, cartas de apresentação e registros para a transferência de Lattes para o *Rad. Lab.*

Para aproveitar ao máximo esta viagem, estudei o inventário da coleção de Lawrence com o intuito de coligir dados para montar a circunstância histórica a partir da perspectiva que os vestígios ligados ao físico e administrador de um grande laboratório nos EUA, na segunda metade dos anos 1940, poderia oferecer. A ideia era entender um pouco mais as circunstâncias que Lattes encontrou no *Rad. Lab.* Segui a mesma metodologia de cruzamento de nomes de físicos com os de instituições e temas investigados à época para preparar um plano de pesquisa para este arquivo. Minha ideia nestas viagens sempre foi a de recolher uma grande quantidade de dados, imaginando que eles podem alimentar trabalhos futuros. Isso porque dificilmente temos chance de retornar a estes locais.

Havia ainda outro desafio na Califórnia. Estabeleci, como falei, cortes temporais entre o antes e o depois da chegada de Lattes nos EUA, ocorrida em fevereiro de 1948, para trabalhar no chamado grupo de emulsões, liderado por Eugene Gardner, responsável direto pela busca dos mésons no *Rad. Lab.* Eu estava interessado no desenvolvimento dos trabalhos que Lattes conduziu como participante deste grupo. A trilha a seguir era evidente. Novamente eu procurava por nomes de cientistas específicos (os membros deste grupo), de instrumentos usados nestas investigações, de instituições de apoio etc. cruzando informações nos sites de diferentes locais de guarda de memória dos EUA, que potencialmente poderiam mantê-los. Cada um destes itens podia me dar diferentes entradas no passado ligado ao meu estudo, caso suas memórias tenham sido preservadas. Os resultados mais promissores me levaram, mais uma vez, ao NARA. Mas, nesta oportunidade, eu ia ao NARA de San Bruno, na Califórnia.

Após estabelecer o plano de pesquisa em cada instituição a visitar, o próximo passo é escrever aos seus arquivistas para confirmar horários de funcionamento e eventuais informações que não estejam *on-line*. Agindo desta maneira, é possível, por exemplo, entender a procedência dos documentos e ter acesso a improváveis listas com outras estruturas de recuperação de informação, o que pode revelar maços deslocados de fundos,

uma pasta que foi para o catálogo digital com um nome diferente do que possuía no antigo inventário impresso (e não aparece na sua busca na Internet) etc. E-mails aos arquivistas revelam também a metragem linear das coleções que desejamos consultar, o que nos permite ter uma noção do tempo necessário para reproduzi-los. E como estamos falando de trabalhos de campo em países que não o nosso, planejar significa potencializar seus resultados, gerir melhor a verba disponível e ter menos contratempos.

A partir de contatos com os arquivistas do NARA de San Bruno, eu sabia que o trabalho ia ser desafiador por conta da quantidade de material. Eugene Gardner se preocupou em preservar todos os cadernos de bancada produzidos ao longo das investigações (ver Figura 04). Para fazer esta pesquisa, eu ia precisar de cerca de três semanas. Consegui um quarto de graça em São Francisco, no apartamento de um casal amigo de uma amiga, também estudante de doutorado à época, e confirmei na prática a importância das redes profissionais que fazemos, ainda mais quando se viaja com recursos próprios (lembrando que, nesta época, eu morava em Saint Louis). Parecia que a fortuna estava, mais uma vez, ao meu lado, já que a área de São Francisco é uma das mais caras nos EUA.

Com antecedência, contatei uma outra amiga que havia ficado um período na Universidade de Berkeley e lhe pedi sugestões de locais para me alimentar após um dia de trabalho. Acredite, caro colega historiador, estas informações são essenciais quando você não tem um guia te acompanhando e nutre desconfiança sobre os *reviews* feitos por desconhecidos na Internet a respeito do comércio local. Leopold Von Ranke, historiador alemão do século XIX, que fundou a prática historiográfica moderna em pesquisas em arquivos, escreveu cartas a seu irmão enquanto viajava pela Itália, Áustria e Alemanha em busca de fontes históricas. “*In his letters, Ranke reported how he disciplined himself for the work in the archives. He discussed how he structured his day and planned his diet according to the needs of archival research.*” (ELKILDSEN p. 439). Alimentar-se bem é essencial para a realização de pesquisas de campo transnacionais. Dificuldades com a culinária do local visitado podem ser catastróficas para a condução da investigação.

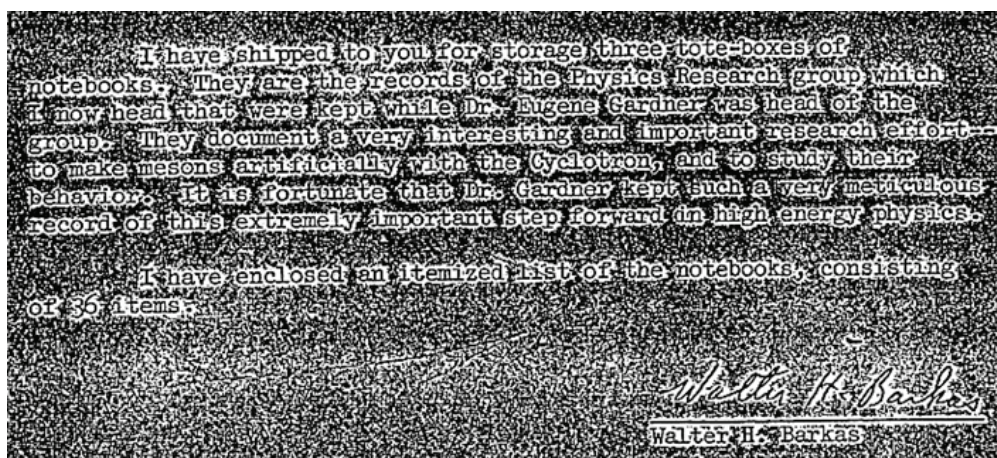


Figura 04: Trecho de um memorando de Walter Barkas, chefe do grupo de emulsões, a Ernest Aubin, do departamento de guarda do NARA. 06 de janeiro de 1964. E-mail pessoal.

Chegando na Califórnia, visitei primeiro o NARA por considerar que o trabalho neste arquivo seria mais exigente. Nele, vivi epifanias diárias. Ao manusear os cadernos do grupo de Gardner, percebi que havia uma historicidade dos experimentos realizados. Era impossível compreender os que deram certo com a chegada de Lattes sem antes entender as falhas dos anteriores. Os rascunhos dos arranjos, os comentários sobre aspectos teóricos e os registros gerais dos experimentos estavam lá. Todos. Gardner (ou alguém de seu laboratório) colava nestes cadernos cartas recebidas de físicos de instituições de vários países pelo mundo. Estas cartas continham sugestões de exposições de detectores e de arranjos de experiências, e o fato de estarem coladas nos cadernos usados pelo grupo indica que havia uma preocupação em compartilhar as informações entre todos os seus membros. Seria difícil perceber esta dimensão caso estas cartas estivessem digitalizadas separadamente, já que elas eram direcionadas, em sua maioria, a Gardner.



Na *Bancroft Library*, eu sabia que a coleção de Ernest Lawrence estava disponível em formato de microfilme digital. O usuário inseria o microfilme no equipamento e dava *prints* no que aparecia na tela. A informação era transformada em arquivos em PDF para serem salvos em um *pen drive*. Percebi que o *Rad. Lab.* mantinha contato com diferentes laboratórios pelo mundo, de acordo com cartas que Lawrence recebia. Estas cartas revelam que, neste período, as ideias sobre física nuclear retomavam sua circulação após um período de restrições ocasionado pela Segunda Guerra. No *Rad Lab.*, a maior carência não parecia ser material, mas, sim, de habilidade humana ligada à investigação de um problema específico. Desta forma, pude entender que o que Lattes levou para Berkeley era um conhecimento prático, análogo ao que é anotado por Ludwik Fleck:

One cannot look upon the sciences as being only a set of sentences or a system of thoughts. **They are complex cultural phenomena**, at one time perhaps individual, at present collective ones, made up of separate institutions, separate actions, separate events. Written sentences, unwritten customs, one's own aims, methods, traditions, development. **Preparation of mind, cleverness of hands** [grifos nossos] (FLECK, 1986, p. 118).

A ideia de Fleck serve para entendermos que Lattes detinha esta *cleverness of hands*. Entretanto, pelo fato de ela ter sido desenvolvida em trânsito por diferentes instituições e países (Lattes se formou em São Paulo e ficara dois anos na Universidade de Bristol, onde desenvolveu as habilidades que levou para Berkeley) podemos entender que Lattes unificou as instituições, ações e eventos separados, servindo de elemento de ligação numa perspectiva transnacional.

## Considerações finais

Um dos objetivos iniciais deste texto é levar aos leitores um pouco da experiência da execução de parte de uma pesquisa em história, sobre como nos relacionamos com lembranças das nossas ações de busca por vestígios de memória de nossos objetos de estudo quando eles não estão depositados em nosso país. Devemos refletir sobre a meta-memória (a memória da busca por memória) de modo a não repetirmos equívocos já cometidos pelos nossos pares ou por nós mesmos, principalmente quando estamos em missões internacionais. Não raramente, estas expedições historiográficas são financiadas com dinheiro público e o risco de dispersão é grande, por vários motivos. É interessante anotar que escrevi grande parte deste ensaio a partir de lembranças mentais, sem utilizar os vestígios que criei enquanto atuava nos arquivos. Na pandemia que nos assola, vim para o Rio de Janeiro ajudar familiares idosos, enquanto meus cadernos de campo usados nas pesquisas em arquivo que fiz ficaram em São Paulo, onde resido. Não por coincidência, na primeira parte deste ensaio, recorri também a lembranças sensoriais para refletir sobre minha trajetória por arquivos no Brasil e nos EUA.

A prática da história com uma abordagem transnacional nos leva a sair da zona de conforto, a entrar em contato com a cultura e com a memória de outros povos, a reafirmar, a todo tempo, nossa identidade pela diferença. Para estar nestes lugares, os deslocamentos que operamos de compreensão, de alimentação, de comportamento, de idioma, de adaptação ao clima, de uso de vestimenta etc., exercitam nossa alteridade, inclusive a da lembrança. Entender como outros povos lembram é fundamental para, como o Sr. José, personagem de Saramago em *Todos os Nomes*, transitar pelos labirintos dos arquivos. Porém, devemos considerar que, diferente do Sr. José, nós não estamos no arquivo da nossa paróquia, mas, sim, em locais de guarda de memória estrangeiros, que preservam, em alguma medida, parte do nosso passado quando conectado ao deles.

## Referências

- ESKILDSEN, Kasper. Leopold ranke's archival turn: location and evidence in modern historiography. *Modern Intellectual History*. Cambridge, 5, 3. p. 425-453, 2008.
- FLECK, Ludwik. Problems of the science of science. In: COHEN, S.; SCHNELLE, T. (Org.) *Cognition and facts: materials on Ludwik Fleck*. Doehdrecht: D. Reidel, p. 113-128, 1986.